

Rio Uruguai, usos e recursos: memórias de moradores do Oeste de Santa Catarina e Noroeste do Rio Grande do Sul

André Luiz Onghero^{*}, Lucas Antonio Franceschi^{**}

Resumo: O artigo trata das relações estabelecidas historicamente com o rio Uruguai. Utilizando entrevistas e bibliografia, procurou-se abordar diversas formas de utilização do rio, pelos diferentes grupos que habitaram a região. Pode-se perceber que o rio Uruguai é um patrimônio ambiental e cultural, na medida em que a relação com o rio foi fundamental para o desenvolvimento de diferentes modos de vida.

Palavras-chave: Rio Uruguai; Hidrelétrica; Patrimônio.

Abstract: This article deals with historically established relations with the Uruguay River. Using interviews and bibliographics, sought to address various forms of the river use, by the different groups that inhabited the region. This way we can understand that the Uruguay River is an environmental and cultural heritage, since the relationship with the river was crucial to the development of different ways of life.

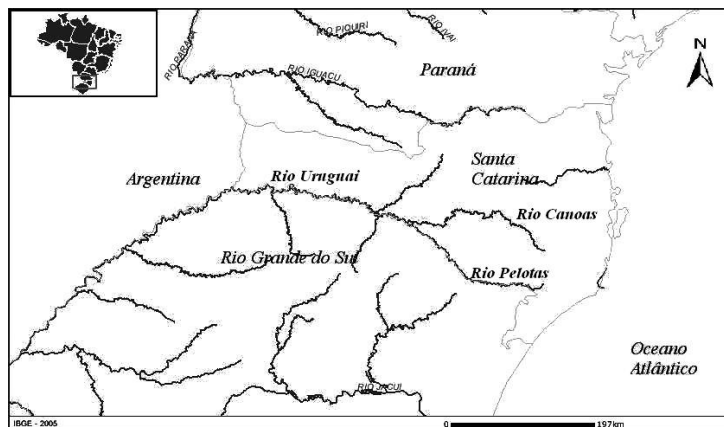
Keywords: Uruguay River; Hydroelectric; Heritage.

O Rio Uruguai tem sido um recurso natural que definiu a ocupação da região Oeste de Santa Catarina e Noroeste do Rio Grande do Sul. Desde as mais antigas ocupações humanas na região, foi utilizado para diversas atividades e, ao mesmo tempo em que possibilitou a subsistência, fornecendo recursos alimentares e permitindo o transporte e deslocamento, também se tornou referência para a organização social das populações do seu entorno.

A localização do Rio Uruguai pode ser observada no mapa apresentado a seguir, que representa a hidrografia da região Sul do Brasil. O referido rio é formado a partir do entroncamento do Rio Pelotas e o Rio Canoas, recebendo outros afluentes no seu percurso rumo à Oeste, demarcando o limite entre estados na parte do Oeste de Santa Catarina e o Noroeste do Rio Grande do Sul, até a fronteira com a Argentina, local de onde segue para o Sul, até desaguar no Rio da Prata, divisa entre Argentina e Uruguai.

^{*} Graduado em História pela Unoesc – Chapecó. Especialista em História pela Unochapecó. Mestre em Educação pela Faculdade de Educação/Unicamp. Técnico em Pesquisa – CEOM/Unochapecó.

^{**} Graduado em História - Unochapecó. Técnico da Scientia Consultoria Científica LTDA.



Mapa da hidrografia da região Sul do Brasil.

Para a elaboração deste artigo foram utilizadas fontes orais produzidas nos trabalhos de pesquisa realizados pelo Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina (CEOM/Unochapecó) em parceria com a Scientia Consultoria Científica LTDA, além de fontes bibliográficas e mapas.

Vestígios de antigas ocupações

Pesquisas arqueológicas revelam que as margens do Rio Uruguai eram habitadas há aproximadamente 10 mil anos, por grupos caçadores-coletores, e com datações mais recentes, foram encontrados artefatos cerâmicos que caracterizam uma ocupação de povos ceramistas, com tradição Tupiguarani (DMITRUK, 2006). A existência de numerosos vestígios da presença humana, permite supor que a utilização do rio era fundamental para a subsistência de tais grupos, que costumavam ocupar áreas mais planas chamadas platôs, próximas a corredeiras e saltinhos. Supõe-se que estes grupos utilizavam o rio para pesca e banho, além de retirar matéria prima como seixos ou pedras para a confecção de utensílios e ferramentas. As pesquisas demonstram ocupação simultânea nas duas margens do rio, cuja travessia poderia ser feita com a utilização de canoas.

Caminhos de tropas e novos povoamentos

A condução de tropas de animais, geralmente bovinos e muares, das fazendas do Sul em direção à província de São Paulo, foi uma prática realizada durante os séculos XVII a XIX. Para a condução dessas tropas, foram abertos caminhos que cruzavam o atual estado de Santa Catarina. Um dos caminhos utilizados atravessava o Rio Uruguai, no passo Goio-Ên, no

encontro do rio Passo Fundo com as águas do Rio Uruguai, hoje município de Nonoai, em direção ao Passo Bormann, atual distrito de Chapecó.

A partir de 1850 o gado argentino que entrava pelo Passo de São Borja e Santa Maria, seguia até os campos de invernadinha de Cruz Alta e Passo Fundo, para depois rumar pelo Passo de Goio-En até os Campos Gerais do Paraná, atingindo a feira de Sorocaba em São Paulo, percorrendo mais de duzentas léguas ou mil e duzentos quilômetros (FLORES, 1998, p.37).

Estes caminhos tiveram grande importância no povoamento do interior do Sul do Brasil, iniciado pelo criatório nos campos do Rio Grande do Sul, Guarapuava, Lages e Palmas. Porém, a ocupação de tais campos não ocorreu de forma pacífica, muitas vezes, eram territórios ocupados por grupos Kaingang, que entraram em conflito com os fazendeiros. Além disso, também havia confrontos entre os próprios fazendeiros, que concorriam na ocupação das terras (RENK, 2006, p.33-34).

O extrativismo vegetal: erva-mate e madeira

O povoamento que foi estabelecido procurava extrair alguns recursos naturais que possibilitavam a obtenção de lucros imediatos, como o corte da erva mate e da madeira. Estes eram conduzidos até a Argentina, utilizando o rio Uruguai como via de transporte.

De fevereiro em diante, as margens do Goyo-En revestem-se de alguma animação com a construção das piraguas, que vão levar a S. Thomé, na província de Corrientes, o fumo e a herva produzidos na região adjacente. São tais piraguas grandes embarcações de madeira de lei, do feitio de um verdadeiro caixão, comportando 2 a 3.000 arrobas de herva e destinadas a seguir nas maiores enchentes, isto é, ordinariamente, de agosto a outubro, levadas pela correnteza até às povoações argentinas (MALAN, 1918, p.275).

O autor descreve um tipo de embarcação utilizada para o transporte de produtos como erva-mate e fumo para os portos argentinos. O trecho apresentado a seguir dá uma noção da lucratividade do empreendimento, o que motivava enfrentar os perigos da navegação pelo rio.

[...] Apesar dos perigos, não deixavam, anualmente, de descer o Uruguay seis e mais piraguas, exportando pra cima de 20.000 arrobas de herva e notável carregação de fumo. O lucro é evidente, se bem sucedida a empresa: a herva que, nas margens do Goyo-En, apenas custava o trabalho do preparo, era vendida nos portos argentinos, a mais de 5\$000 a arroba, pois tem extraordinária procura a proveniente das Missões e mui especialmente a barbacuá, queimada sem fumaça. Avaliando em 500 rs. o custo da arroba e em outro tanto, também por arroba, as despesas do transporte, reduzidas à construção da piragua, obtinha-se, conseguindo collocar 2.000 arrobas de hervas em S. Thomé, um lucro líquido de oito contos; o próprio madeiramento da embarcação era fonte de renda (MALAN, 1918, p.277).

Segundo Bavaresco (2006), a exploração econômica dos ervais foi realizada nos 3 estados do Sul do Brasil, Argentina e Uruguai. A erva do Sul do Brasil era exportada principalmente para a Argentina, devido às facilidades de acesso, tanto por tropas de muarees como pelas piraguas no rio Uruguai. Em 1910, teriam passado por Passo Bormann (atual Chapecó) 635.526kg de erva mate, e no ano seguinte a quantia aumentou para aproximadamente 1.181.580 kg.

A grande quantidade de madeira de qualidade nas matas da região em torno do rio Uruguai e a possibilidade de realizar o transporte da madeira pelo rio, até a Argentina, motivou a vinda de empresas madeireiras, que instalaram serrarias. As madeiras visadas eram as de maior valor comercial, que seriam:

O “cedro” (cédulo odorata), que por seu fraco peso específico flutua em vigas e é exportado em jangadas rio abaixo, do Alto Uruguai, região de sua exploração, para a cidade de São Tomé, na Argentina; o “óleo”; a “imbúia” (nectandra sp.); a “canela preta” (nectandra amara); a “peroba amarela” (aspidoerma); a “cabriuva”; a “grápia”; o “guamirim”; o “araribá” (centrolobium robustum); a “cangerana” (cabralea cangerana) e o carvalho (LUZ, 1952. p.17).

O corte destas árvores era realizado manualmente, com machados e serrotes. Depois de derrubado, o tronco poderia ser serrado, formando toras e então era transportado até a serraria e dali para as balsas em grandes carroças de tração animal, como relata o senhor Davi Menoncim:

(...) Nós puxávamos a madeira da serraria e botávamos no barranco do rio, depois descíamos com a balsa. (...) Tinha, cedro, loro, cangerana, mas tinha vários tipos de madeiras que eram cortadas. Cortavam toras. (...) Levava tanto as tábuas quanto as toras mesmo, as toras prontas. Levavam o cedro, o loro, essas outras madeiras nós levávamos prontas. A cabriuva... levavam as toras lá no rio, levavam embalsadas (Davi Menoncim)¹.

Havia balsas feitas com toras e balsas feitas com tábuas, que eram transportadas até o rio e ali eram amarradas com cipós ou arames. O senhor Rainoldo Antão fornece um relato da amarração das balsas:

Eles amarravam os pacotes de pranchas, bem amarrados e depois botavam travessas assim. Naquele tempo passavam cipó, depois amarrava com arame. (...) Ah, eles levavam muita madeira, levavam pinheiro, cedro, loro, cabriuva. As madeiras de maior valor (Rainoldo Antão).

Segundo Bellani (1995), o destino das balsas era os portos de recebimento da madeira

¹ Os trechos de entrevistas sofreram alterações buscando adequá-los às regras gramaticais, mantendo a originalidade das idéias relatadas.

em Uruguiana, Itaqui, Barra do Quaraí e Passo de Los Libres, o que correspondia a um percurso de mais de 500km, que só poderia ser percorrido quando o rio estivesse em “ponto de balsa”, ou seja, com um volume de água suficientemente elevado para conduzir as balsas com velocidade e transpor os obstáculos do caminho. Até que o rio atingisse este volume, nas cheias, como a de “São Miguel”, no fim do inverno, as balsas permaneciam no rio.

A viagem, que durava em torno de 5 ou 6 dias, dependendo do volume da enchente, era perigosa e desgastante. Entre os perigos, estavam as ilhas, corredeiras e saltos do rio, que poderiam fazer a balsa encalhar ou quebrar, colocando em risco a carga e os balseiros. Contornar os obstáculos exigia manobras da balsa, que eram realizadas pelos “práticos” que tinham conhecimento do rio e sabiam como posicioná-la utilizando os remos.

Após a definição dos limites políticos da região do vale do Rio Uruguai, em 1917, foi iniciado o processo de colonização das terras, quando os governos estaduais concederam para empresas colonizadoras lotes de terra que deveriam ser ocupados, estabelecendo o povoamento da região. As empresas promoveram a venda de terras para famílias, principalmente de agricultores descendentes de europeus que moravam em colônias no Rio Grande do Sul. A venda das terras ocasionou conflitos com os caboclos que as ocupavam, pois, uma vez que não possuíam escritura das terras em que moravam, tiveram de ceder espaço aos colonos. Algumas vezes esta disputa pela terra foi violenta, em outros casos, os caboclos se inseriram no processo de colonização, trabalhando como diaristas e agregados para as famílias de colonos.

A colonização estabeleceu novas formas de ocupação do espaço, dividindo o território em lotes chamados “colônias”, dos quais as famílias retiravam madeira para construção das casas e abriam roçados nas matas, destinados ao cultivo de alimentos. Os colonos vendiam a madeira de lei e os pinheiros encontrados no interior de sua propriedade para as companhias madeireiras, que pagavam um preço relativamente baixo. Esta era uma forma dos colonos obterem um dinheiro para suas necessidades como sal, açúcar, ferramentas, roupas e calçados (ZAMBIASI, 2000, p.35/36).

A Pesca

A pesca desenvolvida no rio Uruguai foi importante para o suprimento alimentar dos moradores de suas proximidades e era realizada com o emprego de diferentes técnicas. As armadilhas para aprisionar peixes eram empregadas pelas populações indígenas, que confeccionavam o “pari”, semelhante a um cesto de taquara em forma de cone, colocado dentro do rio, onde os peixes conseguiam entrar, mas ficavam impedidos de sair. Os

colonizadores também faziam armadilhas para prender os peixes dentro do rio, como conta o senhor Valdecir Ceccon. Em partes baixas do rio, era feito uma cerca com pedras do próprio rio, uma parte ficava aberta para a entrada dos peixes e sobre ela era armada uma espécie de porta presa à uma corda. Dentro do cercado, era feita uma “ceva²”, por cerca de 15 a 20 dias. Após este período, em uma noite, os pescadores iam até o rio e esperavam, quando percebiam que havia peixes no cercado, largavam a tampa. Uma vez que os peixes ficavam trancados, eles eram pegos com as mãos ou abatidos a golpes de porrete ou facão.

Outra técnica utilizada para pesca é o “espinhel”, um tipo de armadilha feita com uma linha comprida, na qual ficam presas uma série de linhas de anzol. Pode ser suspenso por bóias ou então preso a um barranco, com uma pedra servindo de âncora, como conta o senhor Rainoldo Antão: “o espinhel é uma corda com outras amarradas. Com trinta, quarenta, cinquenta anzóis (...). Amarrava em um barranco e numa pedra lá pro lado do rio.”

Segundo o senhor Claudino Ribeiro, que tem a pesca como uma das principais atividades, a técnica mais utilizada para a pesca profissional é a rede, cuja altura tem que ser adequada ao tipo de peixe que se deseja pescar. “depende do que você vai fazer, o que você vai pescar. Dependendo, tem que ser uma rede alta. Se você vai pescar cascudo, tendo um metro ou um metro e meio de altura já está bom. Porque pra dourado tem que ser alta” (Claudino Ribeiro).

Além destas técnicas, o anzol também trazia bons resultados, uma vez que o Rio Uruguai era abundante em peixes: “o surubi e jundiá nós íamos em qualquer lugar, jogava a isca e pegava” (Valdecir Ceccon).

Um espaço de sociabilidades

O rio Uruguai tem sido um divisor de territórios, mas suas águas não impediram a sociabilidade entre os moradores de margens opostas. Existem diversos pontos de travessia de um lado para o outro, como a ponte do Goio-Ên, que liga os municípios de Chapecó/SC e Nonoai/RS, além das barcas, que realizam a travessia em Chapecó/SC, Paial/SC e Erval Grande/RS, Caxambu do Sul/SC e Rio dos Índios/RS. Ao longo dos anos, foram construídas relações sociais entre os moradores dos dois estados, na medida em que participavam de festas e jogos de futebol, em ambos os lados do rio. Até mesmo namoros e casamentos foram

² A técnica da “ceva”, que consistia em largar alimentos em certas partes do rio, para atrair os peixes ao local: “levava comida, quirera, milho. Amarrava, fazia um feixe, amarrava e jogava no rio. Daí nós íamos pescar. Elas vinham comer na ceva, e nós pegávamos” (Valdecir Ceccon).

proporcionados pelas visitas que atravessavam o rio utilizando caícos³.

A festa em honra de Nossa senhora dos Navegantes, foi realizada por muitos anos na localidade de Porto Goio-ên, Erval Grande/RS. Conforme o relato da senhora Ilda Rebonato Lopes, moradora da localidade há mais de 40 anos, a festa sempre contou com a participação de grande número de pessoas de ambos os lados do rio. O auge da festa era o momento em que o público saía com a barca, em procissão pelo rio, cantando e rezando. Com a construção da ponte Goio-Ên entre Chapecó/SC e Nonoai/RS, a barca foi desativada e a procissão não percorreu mais leito do rio.

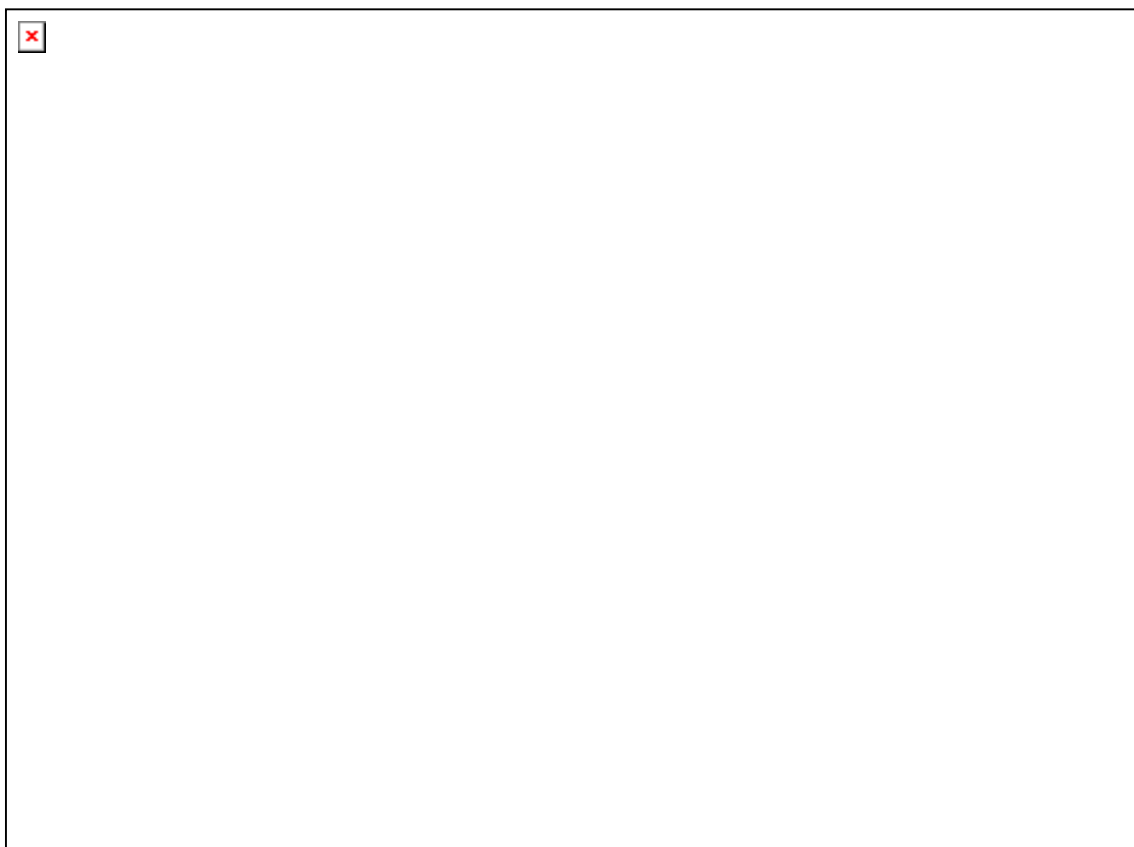
O veraneio nas praias do rio Uruguai, sempre foi atividade constante dos moradores da região, possibilitado pelos remansos do rio, que formam pequenas praias para o lazer. O senhor Arno Machado dos Santos, morador da linha Saltinho, Águas de Chapecó/SC, atingido pelo canteiro de obras da UHE Foz do Chapecó, conta que, na época de verão, as famílias costumavam ir até a margem do rio, para fazer churrasco, acampar, conversar e se banhar. Faziam uma confraternização entre vizinhos e amigos. Mas, com a implantação do canteiro de obras, o lugar foi drasticamente modificado, ficando apenas na memória das pessoas que dele desfrutaram. Em seu depoimento ele declarou que sente saudades do rio e dos dias de sol que passou nas suas margens.

As Hidrelétricas e as mudanças sociais e paisagísticas

Desde a década de 1970, estudos sobre o potencial do Rio Uruguai para a geração de energia elétrica têm sido realizados. Foram instaladas as hidrelétricas de Machadinho e de Itá, e atualmente encontra-se em construção a UHE Foz do Chapecó. Esta nova forma de utilizar o rio procura garantir o abastecimento de eletricidade, mas, em virtude do tamanho das obras, tem causado modificações no rio e nas relações da população com ele.

O mapa a seguir, mostra a área de alagamento para o reservatório da UHE Foz do Chapecó, o qual abrange os municípios de Águas de Chapecó, Caxambu do Sul, Guatambú, Chapecó, Paial e Itá na margem catarinense e Alpestre, Rio dos Índios, Nonoai, Faxinalzinho, Erval Grande e Itatiba do Sul na margem riograndense.

³ Forma como a população local se refere à embarcações construídas de tábuas de madeira, conduzidas com o auxílio de um longo remo de madeira.



Mapa de localização da área diretamente afetada pela UHE Foz do Chapecó.
Fonte: Scientia Consultoria Científica.

Segundo informações do Consórcio Foz do Chapecó, o reservatório da barragem ocupará uma área de 79,2 Km². Destes, 40,0 Km² correspondem à própria calha do rio Uruguai. Assim, 39,2 Km² serão inundados para a formação do lago. A Foz do Chapecó Energia prevê a aquisição de mais de 17 mil hectares com o objetivo de sediar o canteiro de obras e o reservatório, além de reassentar algumas famílias que serão relocadas. Estima-se que 1.500 proprietários tenham que deixar suas terras em razão desta obra, deixando o local onde estabeleceram relações sociais, econômicas e culturais.

Assim, entendemos o trecho do rio Uruguai que está sendo atingido pela UHE Foz do Chapecó, como um patrimônio ameaçado, pois o rio deixará de ser como foi até então, com suas corredeiras, saltos, ilhas, margens e praias. Esta transformação estabelecerá novas relações das pessoas com o rio. Tomando como exemplo a barragem de Itá/SC, sobre a qual pescadores relatam o surgimento de dificuldades para sua atividade.

Quando você pensa que vai pegar uma boa pesca, é o dia que você não vai pegar nada. Porque o rio enche e leva as redes embora, leva tudo embora. E aí você perde tudo. Me aconteceu várias vezes já, armar as redes numa noite e no outro dia ir lá e não ter mais nenhuma. O rio enche e leva. Ele arrebenta tudo. Daí eles largam a água na barragem em cima [Itá], abrem as turbinas pra gerar energia, e acaba a

pesca pra baixo. (...) Essa [barragem] de Itá estragou nossa pescaria. Ela acabou, dá pra dizer. (...) Quando dá essas temporadas de seca que eles se obrigam a segurar a água, nós pegamos peixe aqui. Mas quando eles largam a água pra gerar energia, (...) nossa pescaria aqui acaba. Tem bastante pescador aqui que sobrevive do peixe (Claudino Ribeiro).

Este depoimento, de um pescador profissional que mora na Linha Volta Grande, em Caxambu do Sul/SC, permite analisar como a construção de uma barragem pode trazer conseqüências ao longo do rio, na medida que interfere no curso natural das águas.

Percebe-se que o rio Uruguai tem uma importância fundamental na configuração do modo de vida das populações que viveram e vivem em seu entorno. Além de constituir um ecossistema complexo, proporcionar o sustento de famílias e promover a economia regional, ele é uma referência para a identidade e memória da população.

Referencias Bibliográficas:

- BAVARESCO, Paulo Ricardo. Colonização do Extremo Oeste Catarinense: contribuições para a história campezina da América Latina. In: *Anais do VII Congresso Latinoamericano de Sociologia Rural*. Quito: ALASRU, 2006.
- BELLANI, Eli Maria. *Balsas e balseiros no rio Uruguai (1930-1950)*. In: Para uma história do Oeste catarinense: 10 anos de CEOM. Chapecó: UNOESC, 1995. pp.111-139.
- DMITRUK, Hilda B. *Ocupação pré-colonial no Oeste catarinense*. In: Cadernos do CEOM nº 23, Edição Comemorativa. Chapecó: Argos, 2006. pp 99-148.
- FLORES, Moacyr. *Tropeirismo no Brasil*. Porto Alegre: Nova Dimensão, 1998.
- FOZ DO CHAPECÓ. *Usina*. Disponível em: <<http://www.fozdochapeco.com.br/index.php>> Acesso em 27 abr. 2009.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Mapa de divisões territoriais*. Disponível em: <<http://mapas.ibge.gov.br/divisao/viewer.htm>> Acesso em 27 abr. 2009.
- LUZ, Aujor Ávila da. *Os Fanáticos – Crimes e aberrações da religiosidade dos nossos caboclos*. Florianópolis: Imprensa Oficial, 1952.
- MALAN, Alfredo. O Passo de Goio-En. In: *Revista Trimensal do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catharina*. Volume VII. 1918. 3º Trimestre. Florianópolis: Typ. da Escola de Aprendizes Artífices, 1918.
- RENK, Arlene. *A luta da erva: um ofício étnico da nação brasileira no oeste catarinense*. 2ª edição. Chapecó: Argos, 2006.
- ZAMBIASI, José Luiz. *Lembranças de velhos*. Chapecó: Argos: 2000.

Fontes Orais:

- ANTÃO, Rainoldo. Entrevista concedida às pesquisadoras Patrícia Heffel, Fabiana Agostini e Talita Andreolla, em Caxambu do Sul/SC, no dia 13/11/2007.
- CECCON, Valdecir. Entrevista concedida ao pesquisador André Luiz Onghero, em Chapecó/SC, no dia 29/05/2008.
- LOPEZ, Ilda Rebonato. Entrevista concedida aos pesquisadores Lucas Antonio Franceschi e Matheus Spada Zati, em Erval Grande/RS, no dia 07/06/2008.
- MENONCIM, Davi; MENONCIM, Maria. Entrevista concedida aos pesquisadores André Luiz Onghero e Mirian Carbonera, em Caxambu do Sul/SC, no dia 29/01/2008.
- RIBEIRO, Claudino; RIBEIRO, Neiva. Entrevista concedida aos pesquisadores André Luiz Onghero, Lucas Franceschi e Matheus Spada Zati, em Caxambu do Sul/SC, no dia 01/06/2008.
- SANTOS, Arno Machado. Entrevista concedida aos pesquisadores Lucas Antonio Franceschi, Matheus Spada Zati e Carlos Gimenes, em Águas de Chapecó/SC, no dia 11/06/2008.

